



SEÇÃO TEMÁTICA

# Os atabaques estão de pé! 1º Encontro da Rede de Acervos Afro-Brasileiros: Decolonizando museus, reconhecendo as contribuições negro-africanas

## *The drums stand! First encounter of Afro-Brazilian Collections Network: Decolonizing museums, recognizing black-African contributions*

Patricia Rodrigues de Souza\*  
Marcos Reis\*\*

**Resumo:** Esse relato tem como objetivo descrever as apresentações realizadas durante o 1º Encontro da Rede de Acervos Afro-Brasileiros, através de uma síntese dos principais temas abordados e características do perfil do público presente no evento. O encontro foi um evento aberto idealizado e realizado pela equipe gestora do museu Afro Brasil em parcerias com outros museus do Brasil. O encontro ocorreu no dia 26 de setembro de 2024, no Museu Afro Brasil, parque do Ibirapuera em São Paulo capital e buscou criar um espaço para diálogos acerca de como transformar acervos afro-brasileiros constituídos sob lógicas colonialistas em veículos de valorização da contribuição negro-africana para a cultura brasileira.

**Palavras-chave:** Acervos afro-brasileiros. Religião material. Cultura material. Museologia.

**Abstract:** This report aims to report presentations made during the 1st Meeting of Afro-Brazilian Collections Network, through a synthesizing the themes discussed and characteristics of the audience present at the event. The meeting was an open event conceived and organized by the management team of the Afro Brasil Museum in partnership with other museums in Brazil. The event took place on September 26, 2024, at the Afro Brasil Museum in Ibirapuera Park, São Paulo, and sought to create a space for dialogues about how to transform Afro-Brazilian collections, established under colonial logics, into vehicles for valuing the Afro-Brazilian contribution to Brazilian culture.

**Keywords:** Afro-Brazilian collections. Material religion. Material culture. Museology.

## Introdução

Atualmente museus do mundo todo têm repensado suas coleções. Movimentos pós e decolonialistas, bem como movimentos negros, indígenas e feministas vêm nos fazendo enxergar o que sempre esteve diante de nossos olhos – a materialização dos imperialismos e sua violência simbólica através de objetos cativos, uma incansável forma de ocultar

---

\* Professora do PPG em Ciência da Religião da PUC SP, Doutora em Ciência da Religião. Pesquisadora da cultura material religiosa. ORCID: 0000-0003-4749-6624 – contato: [prsouza@pucsp.br](mailto:prsouza@pucsp.br)

\*\* Professor do PPG em Arteterapia dos Estudos Junguianos UNIP-SP, Mestrando em Ciência da Religião PUC-SP. ORCID: 0009-0003-1666-1268 – contato: [xamanismocelta@gmail.com](mailto:xamanismocelta@gmail.com)

corpos e seus movimento. Mas que, entre as antigas molduras discursivas euro-cristãs pareciam naturais. As reivindicações de, no mínimo, uma curadoria compartilhada em caso de objetos sagrados de povos não europeus, os pedidos de repatriação de objetos e as demandas de diversas etnias acerca de como desejam ser representadas em museus estão chacoalhando concepções e dinâmicas museais.

O 1º Encontro da Rede de Acervos Afro-Brasileiros, ocorrido em 26 de setembro de 2024, no Museu Afro Brasil, São Paulo, integrou a 18ª Primavera dos Museus, celebrando o primeiro ano de articulação da Rede, convidando interessados para o diálogo acerca de temática do campo da museologia, a partir das experiências de seus integrantes. O evento apontou os problemas mais recentes, bem como as novas tendências e direções que, os museus que lidam com acervos afro-brasileiros (geralmente de origem colonial), devem tomar. Aberto ao público, o encontro foi estruturado em 3 mesas, sob os seguintes temas: 1) Construindo Acervos Afro-brasileiros: disputas pela memória, relações de gênero e pertença étnico-racial; 2) Acervos sensíveis e 3) Gestão e curadoria compartilhada em museus e iniciativas museológicas de acervos afro-brasileiros. Durante praticamente todo o dia, o auditório com capacidade para 200 pessoas esteve lotado. Mais da metade do auditório era de espectadores e espectadoras de cor preta ou parda, com maioria de mulheres, que ao final soubemos ser de todo o país, especialmente das regiões norte e nordeste.

A justificativa deste informativo encontrar-se num periódico dedicado ao estudo de religiões encontra-se no fato de os acervos afro-brasileiros serem carregados de religiosidade – tanto as africanas que deram origem às religiões afro-brasileiras, quanto a hibridismos encontrados no dito catolicismo popular. Neste universo, o sagrado encontra-se inseparável da arte e das muitas questões cotidianas, tais como o exercício de certos ofícios e processos de doença/cura. A abertura do evento, já demonstrou que o aspecto religioso não se separa de outros – realizada pela mãe-de-santo Marcia D’Oxum do Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo, Rio de Janeiro, contou com invocações, orações e bênçãos para que o evento transcorresse da melhor forma possível e que a justiça fosse feita aos ancestrais. A sacerdotisa, mãe Marcia D’Oxum, refere-se aos Museus com acervos afro-brasileiros como “locais de acolhimento”, para além das coleções, lá estão as histórias, os registros da diáspora e de suas resistências, as contribuições culturais e religiosas dos negros africanos – um espaço de diálogo e de expressão. Mãe Marcia esteve envolvida no processo de devolução do acervo denominado “Nosso Sagrado”, coleção de peças violentamente tomadas de terreiros cariocas, que por anos, habitou o porão do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro e foi finalmente movida para o Museu da República no Rio de Janeiro após grande articulação jurídica e política.

Também entre os palestrantes foram frequentes as saudações típicas do candomblé e os “pedidos de *agô*” (licença) aos mais velhos antes de iniciarem suas falas, demonstrando respeito e/ou algum tipo de vínculo com as tradições religiosas afro-brasileiras.

Reunindo uma das principais coleções entre os acervos afro-brasileiros, o Museu Afro Brasil é quase uma escolha natural para realização do evento. Sua localização numa das áreas mais centrais da cidade, o Parque do Ibirapuera, bem como sua ampla coleção (cerca de 10.000 itens) fará do Museu Afro Brasil, juntamente com o Museu da

República no Rio de Janeiro os primeiros e mais visíveis locais a refletirem as mudanças propostas pela Rede de Acervos Afro-brasileiros.

### **Descolonizando o museu**

Como um fio condutor das diversas falas, delineou-se o desafio de transformar a narrativa de coleções que foram formadas a partir de uma mentalidade colonialista, e que exibiam as culturas materiais africanas e indígenas segundo as lentes evolucionistas do século XIX, aqui muito presentes na abordagem dos museus ligados às faculdades de medicina (como o antigo Estácio de Lima, por exemplo) ou pior, os museus da polícia, que criminalizam os objetos das religiões de matriz africana. Deste modo, nos museus brasileiros, com frequência, as narrativas das curadorias de brancos/europeus construíam cenários e apresentava os objetos de modo a afirmar não identidade, a inferioridade e exotização das culturas negras e indígenas – de tradição oral, onde o corpo e os artefatos são compreendidos e tratados de outra maneira.

Na primeira mesa, teve destaque Raquel Rosa, diretora do Museu do Ceará. Raquel contou afirmou que o museu passa por grande reforma estrutural e também ideológica – se antes o mesmo exaltava *Iracema*, de José de Alencar, agora a perspectiva é do “Bode Io-iô”, figura algo personificada de um bode que, segundo a população, representa vários aspectos folclóricos e antropológicos dos cearenses. Nesta mesa estava também Isabel Gomes da Rede da Museologia Kilombola, que apresentou a criação da medalha Neyde Gomes de Oliveira, que homenageia a museóloga negra, ao mesmo tempo que premia iniciativas de reparação e reconstrução da memória negra. A segunda mesa, sob o título “Acervos sensíveis”, aberta pelo atual diretor do Museu Afro Brasil, Hélio Menezes, questionou – acervos sensíveis ou acervos insensíveis à dor dos negros? Hélio já realizou modificações na coleção do museu retirando da exposição permanente uma gama de objetos de tortura do período escravista. Para ele, o racismo deve ser tratado de outro modo, em vez das constantes reencenações da dor da escravidão, museus devem enfatizar as contribuições negro-africanas, presentes na construção e identidade do país. Na fala de Hélio, um questionamento a respeito do como repensar o negro, “negro vida ou negro tema?”. Outra, a expressão afro-brasileiro é redundante, o Brasil é afro. Trata-se de “um país demograficamente, religiosamente, musicalmente, gastro-nomicamente, culturalmente negro”. Nesta mesa de grande peso estiveram também o Professor Eduardo Possidonio, do Instituto Pretos Novos e pesquisador no Museu da República, Rio de Janeiro, e Emanuelle Rosa, também museóloga da equipe do Museu da República. Ambos trabalharam juntos na identificação das peças da coleção Nosso Sagrado, já mencionada acima. Possidonio afirmou não ser praticante das religiões de matriz africana, mas precisou aprender sobre elas e estar em constante contato com mães e pais de santo para que pudesse compreender o material de que estava tratando e assim identificar a origem das peças encontradas. Aliás, das várias coleções de objetos de terreiros encontrados em museus policiais pelo Brasil, a Nosso Sagrado foi a única que conseguiu identificar origens de peças e realizar devoluções a quem de direito. Ao longo de sua apresentação Possidonio ia exibindo em slides, recortes de jornais antigos

com fotos de pais e mães de santo criminalizados, como charlatões, feiticeiros, perturbadores da ordem etc. Comparava as fotos das notícias com fotos de peças que havia encontrado no Museu da Polícia Civil e assim recontava a história, desvelando um passado de preconceitos raciais e religiosos, reforçado imagetivamente pelo ato de exibir artefatos de religiões afro-brasileiras junto com armas e outras evidências criminais. A própria delegacia da época já se intitulava neste preconceito “Delegacia de tóxicos, entorpecentes e Mystificações”.

### **Acervos sensíveis: Os atabaques estão de pé!**

Trabalhando na mesma coleção que Possidonio, Emanuelle Rosa, esta sim, iniciada no candomblé, preocupa-se, segundo a tradição, com o modo como os artefatos são manipulados nos museus durante o exame, afinal, as batidas policiais aos terreiros na primeira metade do século XX, ocorria sempre quando os terreiros se encontravam em funcionamento, em pleno ritual, sacerdotes eram levados sob custódia, assim como artefatos consagrados e, na concepção do povo de santo, vivos. Portanto, para Emanuelle, museóloga-candomblecista, não se tratava de objetos, mas de sujeitos. Ela se sentiu incomodada ao ver os atabaques deitados – “Os atabaques não podem ficar deitados! Arranjei uma traquitana qualquer para que eu pudesse examinar os atabaques em pé. Pensei: os atabaques estão de pé!”. A frase-descoberta de Emanuelle ecoou nas falas seguintes – “os atabaques estão de pé!” – tornou-se uma espécie de lema do evento. A frase era uma metáfora do reavivamento da cultura negro africana, ela vencia, o tambor ecoava apesar de tudo. Além de metáfora ela elucida muito bem sobre como diferentes culturas possuem diferentes percepções sobre artefatos. A ideia de coisas inanimadas em oposição a pessoas animadas não é universal (Henare, Wastell, Holbraad, 2007; Hazard, 2019; Wang 2018; Gell, 2020; Latour, 2021), e parece ser uma herança do protestantismo histórico, já que católicos podem mostrar-se também bastante crentes no poder de seus objetos sagrados – relíquias, imagens de santos, pedras d’ara, transubstanciação etc. Não se trata, como para os protestantes, de representação, mas de um poder em si mesmo. O significado real de tais artefatos, segundo seus produtores, africanos, perdeu-se na colonização e foi reforçada por uma academia formada nas concepções reducionistas do século XIX (Mbembe, 2023).

Ainda nesta importante mesa encontrava-se Marcelo Cunha, do Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO), que na Bahia enfrentava os mesmos desafios – tratar de uma coleção de artefatos sagrados para as religiões afro-brasileiras que havia estado em poder do museu da faculdade de medicina, Estácio de Lima. A coleção que servia para estudo de possíveis patologias reunia drogas ilícitas e utensílios para seu uso, armas, cabeças de supostos criminosos conservadas em soluções – Lampião, Maria Bonita, Antonio Conselheiro – para exames de craniometria, fetos natimortos com anomalias e objetos recolhidos de cultos afro-brasileiros. A coleção teria sido, em grande parte, curada por Nina Rodrigues, um fundador do racismo científico, conforme explica Marcelo Cunha. Diferente do caso do Nosso Sagrado, a coleção Estácio de Lima não obteve a mesma sorte de encontrar seus herdeiros.

Pela desumanidade implicada em seu conceito inicial, Marcelo Cunha questiona se a coleção deve ser de fato exibida, mesmo que seja como forma de crítica à primeira ideologia museal. Eis os acervos sensíveis.

### **Curadorias compartilhadas e curadoria espiritual**

Na terceira e última mesa o ponto central foi a questão das gestões e curadorias compartilhadas, ou seja, a inclusão da participação das comunidades produtoras dos artefatos nas decisões de como exibi-los e mantê-los nos museus.

A apresentação de Leandro Bulhões do Museu Arthur Ramos – Casa José de Alencar, traz à tona o lugar ontológico dos “objetos”, objeto para quem? Nesse sentido, Leandro chama a atenção para “a musealização como processo de desencanto”. Ele complementa ressaltando a naturalidade com que aceitamos a morte de rios, e outros seres não humanos. A partir desta perspectiva o palestrante, com referência no artista Castiel Vitorino, problematiza conceitos naturalizados pelos museus, tais como arte, artefato, objeto, utensílio, etc. e propõe o reencanto dos museus através de curadorias compartilhadas. Na mesma mesa estava também Lucas Almeida coordenador-geral do Museu dos Aflitos em São Paulo. O museu tem lugar a partir do sítio arqueológico do cemitério dos aflitos que existiu onde hoje é a praça da Liberdade, tradicional bairro oriental no centro de São Paulo, anteriormente, um bairro do povo negro. Lucas contou das ossadas que eram encontradas, uma em especial, possuía consigo contas azuis, como as de um colar ritual (fio de contas), a comunidade local relacionada às tradições africanas foi convidada a participar de todos os processos e decisões que envolviam as reminiscências dos corpos (provavelmente de escravizados) ali encontrados. Lucas mencionou também a história do terreiro Ile Ase Ode Ibualamo, que teria sido demolido com todos os “objetos” dentro, hoje há um trabalho entre comunidade e profissionais arqueólogos/museólogos, agindo juntos para recompor o conjunto dos “objetos”. No caso de sítio onde se encontram vestígios de corpos enterrados, Lucas pergunta: acervos ou corpos a serem enterrados? A resposta depende da comunidade. Mais uma participante desta mesa foi Paula de Aguiar, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Paula que trabalha mais especialmente com acervos indígenas junto ao Professor João Pacheco afirma que quando os museus se escondem por trás da ideia de “não saberem para quem devolver as peças”, trata-se de uma estratégia de apagamento. A museóloga também defendeu a curadoria compartilhada, através da ideia de uma “curadoria espiritual”, no sentido de que artefatos de diferentes culturas devem ser manuseados segundo suas tradições: atabaques não podem ficar deitados, há objetos que não podem ser tocados por mulheres, ou por homens, objetos que não podem ficar no escuro ou abaixo de outros etc. Faz-se assim necessária, segundo Paula, uma “curadoria espiritual”, de modo que quem produziu o objeto ou que saiba compreendê-lo diga como ele deve ser tratado.

O Manto Tupinambá que estava na Dinamarca e acaba de ser repatriado ao Brasil, no Museu Nacional é um destes casos. Encontrado por Glicéria Tupinambá, o manto pede alguns rituais antes de ser exibido ao público. Glicéria comunica-se com o Manto

que lhe transmite a mensagem de que sua chegada deve ocorrer num ambiente de paz, isto é, sem disputas por ele ou pelos créditos acerca de seu retorno.

Paula de Aguiar ressalta ainda a importância de reconhecer e identificar os produtores dos objetos, cuidando para que suas biografias estejam associadas à exposição do objeto, bem como esclarecer sob quais circunstâncias os objetos foram adquiridos – comprados, doados, etc.

## Conclusão

Pensar acervos afro-brasileiros a partir de perspectivas negras expande criticamente nosso olhar sobre os museus e seu papel na educação na sociedade. Reduzi-los à apresentação estética de artefatos é alienar (histórico-socialmente) a população. É preciso que as formas dos museus, especialmente os que retratam a história das populações marginalizadas do Brasil, sejam repensadas junto com as comunidades, para que a história seja recontada a partir de perspectivas não hegemônicas, portanto, mais inclusivas.

Se os museus foram uma invenção europeia que reforçava a exotividade e a inferioridade do “outro”, hoje eles devem tornar-se um dispositivo de reparação ou compensação, se é que há (Silva, 2024), que além de revelar as injustiças mostre as inúmeras contribuições apropriadas dos povos originários colonizados.

Do mesmo modo, tendo como ponto de partida os artefatos, museus podem também nos ensinar sobre ontologias diversas, nas quais a limitada concepção de “objeto”, particular ao ocidente, não pode dar conta dos seres não humanos que acabaram por, forçosamente, habitar os museus.

## Referências:

- GELL, Alfred. *Arte e agência. Uma teoria antropológica*. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020.
- HAZARD, Sonia. Two Ways of Thinking About New Materialism, *Material Religion*, 15:5, 629-631, 2019.
- HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari (Org.), *Thinking through things. Theorizing artifacts ethnographically*. New York, London: Routledge, 2007.
- LATOUR, Bruno. *Sobre o culto moderno dos deuses faitiches. Seguido de Iconoclash*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MBEMBE, Achille. *Savage Objects. On the restitution of alienated meaning*. In OLIVIER, Abraham; LAMOLA, M. John; SANDS, Justin. *Phenomenology in an African Context. Contributions and Challenges*. New York: Suny Press, 2023. pp. 225-248.
- SILVA, Denise F. *A dívida impagável: Uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2024.

WANG, Xing. Rethinking Material Religion in the East: Orientalism and Religious Material Culture in Contemporary Western Academia. *Religions*, 9, 62; doi:10.3390/rel9020062, www.mdpi.com/journal/religions, 2018.

Recebido em: 14/10/2024

Aprovado em: 18/10/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Fábio L. Stern.